

tes e à noite vínhamos os três para o meu quarto em Passy. Até que os dois compatriotas começaram também a falar durante as refeições na pensão. Eles próprios não se esqueciam na conversa de que eram antigos ministros e actuais lentes da Universidade. Em poucos dias eu estava reduzido aos olhos de todos os comensais à expressão deplorável de não saber nada de político nem ter sequer frequentado como aluno a Universidade, quanto mais ser lente como eles! Depois do almoço saímos a pé e eu aproveitei a ocasião para lhes dizer umas coisas. Foram as seguintes:

— Vocês são meus compatriotas, são mais velhos do que eu, são antigos ministros do meu país, são actuais lentes da Universidade de Lisboa; além disso têm: um, uma carta de crédito de oitenta mil francos, outro, outra carta de crédito ilimitada, e eu tenho apenas três mil francos e depois de os gastar hei-de eu ganhar os que vierem depois. Mas não é isto o que eu propriamente lhes queria dizer. O que eu queria que vocês soubessem depois destes quinze dias em que estamos em Paris é que eu cheguei a esta cidade pela primeira vez na minha vida, sob a minha palavra de honra, no mesmo dia, à mesma hora, no mesmo instante do calendário que vocês os dois!...

E agora se vocês quiserem pensar alguma coisa acerca do que lhes acabo de dizer, pensem, porque eu também já pensei.

Paris, 13 de Fev. 1919

O PIERROT QUE NUNCA NINGUÉM SOUBE QUE HOVE

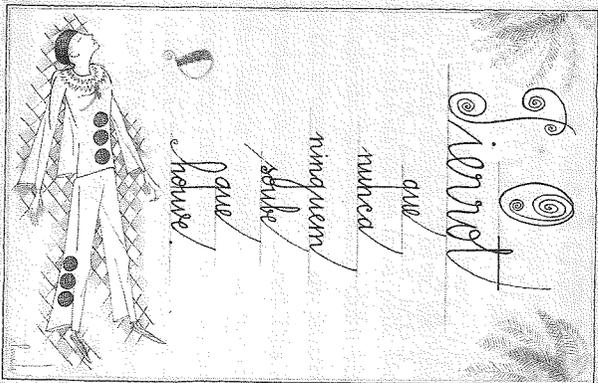
HISTÓRIA TRÁGICA ILUSTRADA
COM SOL E PALMEIRAS

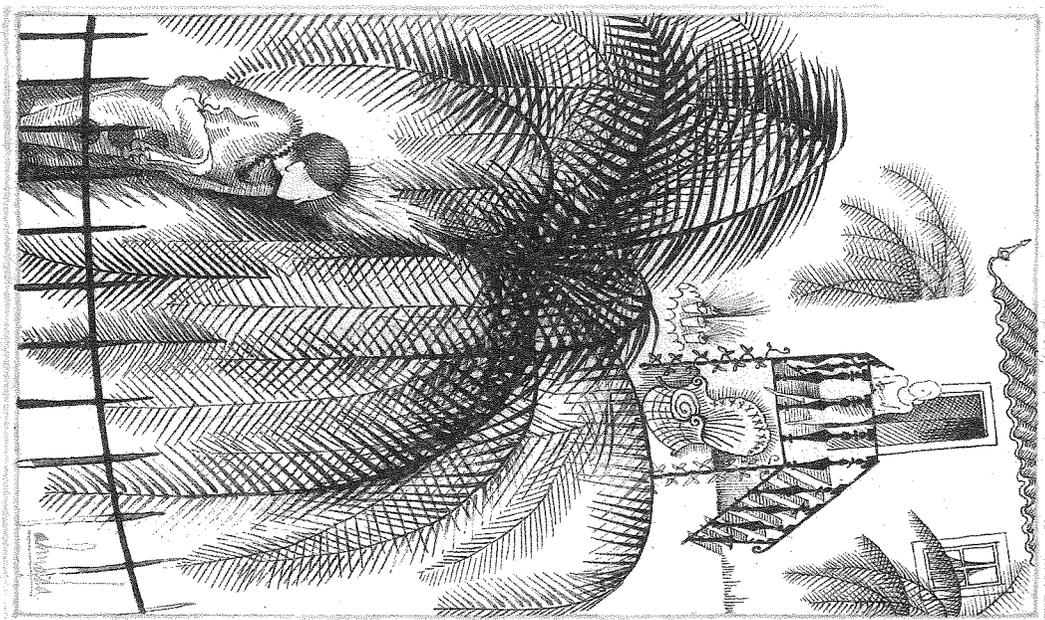
Era uma vez um jardim com palmeiras. Entre as palmeiras no meio do jardim havia uma casa branca.

Houve um Pierrrot que viu a casa branca no meio do jardim das palmeiras e escondeu-se por detrás de uma palmeira para ver mais à sua vontade a casa branca no meio do jardim.

Mas a casa branca ainda era mais bonita do que Pierrrot tinha imaginado — havia uma menina loira d'olhos verdes que vinha de vez em quando à janela para ver as palmeiras. Quantas mais vezes a menina loira dos olhos verdes viesse à janela para ver as palmeiras, mais Pierrrot prometia a si-próprio sair um dia de trás da palmeira e dizer tudo claramente à menina loira dos olhos verdes.

Ora aconteceu que a menina loira dos olhos verdes que nunca tinha visto ninguém no seu jardim, teve uma noite um sonho extraordinário. Sonhou que estando à janela a ver as palmeiras, de repente, sem ninguém esperar, saiu de trás de uma palmeira um rapaz desemido que lhe disse, logo à primeira, tudo claramente, e era que estava ali para casar-se com ela sem demora. Efectivamente, na mesma tarde desse





dia casaram-se os dois e foram muito felizes durante muitos anos até acabar o sonho que teve a menina loira dos olhos verdes.

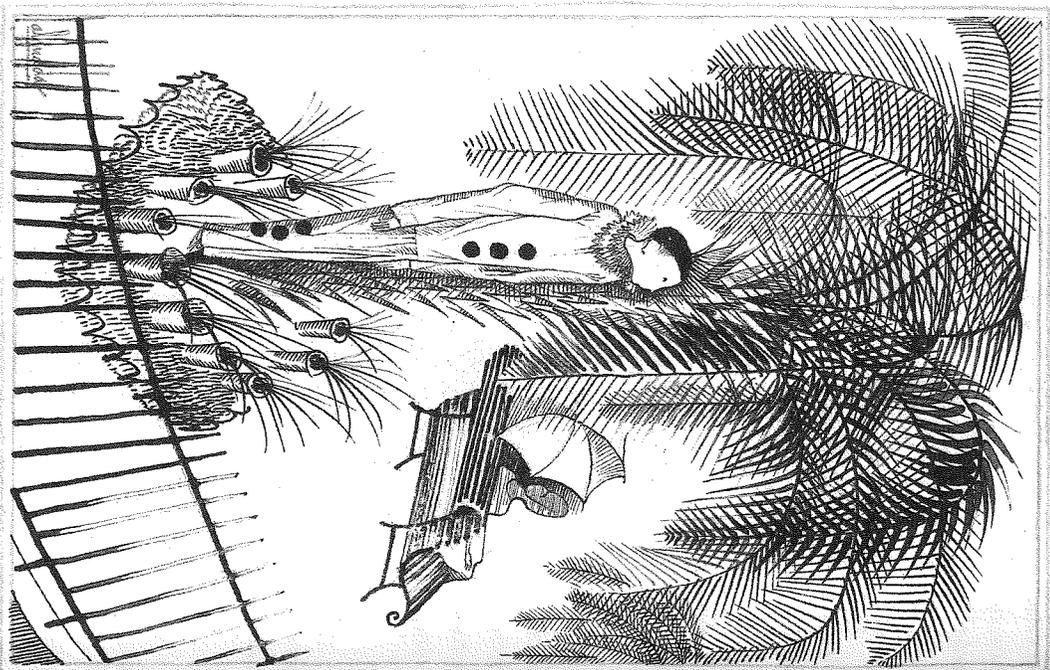
Desde que teve este sonho tão extraordinário, a menina loira vinha mais vezes à janela, razão por que já conhecia todas as palmeiras do seu jardim.

A toda a hora e a todo o instante ela esperou que saísse de trás da palmeira o rapaz destemido e nada!

Mal sonhava ela, apesar de tanto o esperar, que por detrás das palmeiras do seu jardim andava escondido um Pierrrot verdadeiro e nada destemido, que esperava o momento oportuno de vir a propósito e dizer tudo claramente à menina loira dos olhos verdes.

Ora aconteceu que num dia em que o Sol parecia demais, saiu efectivamente de trás de uma palmeira um rapaz destemido que lhe disse tudo claramente.

Vendo a menina loira dos olhos verdes que desta maneira se cumpria fielmente o seu sonho tão extraordinário, não hesitou mesmo nada e casaram-se os dois nessa mesma tarde. E desta vez não foi um sonho!



O que ninguém pôde supor foi que, apesar do sonho se ter realizado, houvesse ainda um Pierrot escondido por detrás das palmeiras, a espreitar a casinha branca da menina loira dos olhos verdes!

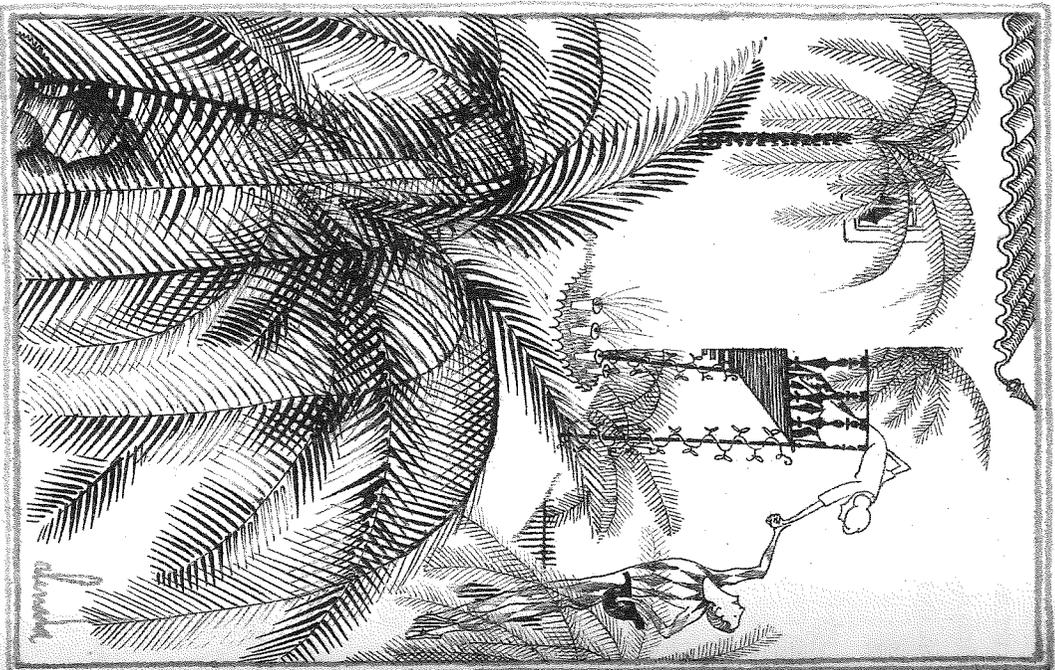
Coitado do Pierrot! Ainda estava à espera que lhe viesse a coragem para ser um rapaz destemido e ir um dia a propósito dizer tudo claramente à menina loira dos olhos verdes!

Enquanto Pierrot esteve à espera de que lhe viesse a coragem para ser um rapaz destemido, veio um verdadeiro rapaz destemido, destes que não necessitam de estar à espera da coragem, e, a propósito, disse tudo claramente à menina loira dos olhos verdes.

Este rapaz tão desembaraçado chamava-se Arlequim.

Então, Pierrot, vendo que já tinha perdido a única vez de que tinha estado à espera, saiu definitivamente do jardim das palmeiras.

Foi andando, andando, ao calhar. Quando já tinha andado imenso, voltou-se para trás pela primeira vez. A casinha branca já mal se via no meio das palmeiras.



Muito cansado, encostou-se a uma árvore — era um palmeira!

Pela noitinha, no jardim das palmeiras, lá muito ao longe, havia um par a passear.

Então, Pierrrot lembrou-se para que servem as espadas. Fui buscar uma e enfou-a no coração de uma vez só e de lado a lado, para sempre.

E assim se acabou no fim de um dia e ao pé de uma palmeira, a trágica história do Pierrrot que nunca ninguém soube que houve!

Lis 1921

almada

NOTA DO AUTOR

Esta história do Pierrot que nunca ninguém soube que houve deixa de ser trágica quando se souber que o Pierrot e o Arlequim são uma única e a mesma pessoa.

Arlequim antes de ter coragem chama-se Pierrot.

Pierrot depois de já ter coragem chama-se Arlequim.

Todo o Arlequim que não foi Pierrot, não presta; mas, ai do Pierrot que não chegar a Arlequim!

Almada

Of.

Tareca

Lx MAR 22

